A onisciência de Deus  
  
A doutrina do conhecimento abrangente de Deus (omniscientia) foi um dos principais temas de debate entre teólogos reformados e seus oponentes nos séculos 16 e 17. Quando se leva em conta todos os detalhes, não há dúvida de que esse atributo divino era o aspecto mais problemático da doutrina reformada sobre Deus. O pensamento de Charnock sobre a onisciência divina se inicia, no estilo típico da abordagem geral da sua obra, com a exegese de um bem conhecido texto bíblico que trata do assunto. Com frequência, teólogos reformados citavam Salmos 147.5 - "Grande é o nosso Senhor, forte em poder; não há limite para seu entendimento!" - a fim de provar a onisciência de Deus. Depois de apresentar uma exegese daquele texto, Charnock passa para a doutrina e afirma que Deus possui conhecimento infinito. Tal declaração precisa ser analisada mais detalhadamente, e, por isso, com o intuito de chegar a uma melhor compreensão da onisciência de Deus, Charnock considera, por exemplo, que tipo de conhecimento existe em Deus, o que Deus sabe e como Deus conhece as coisas.

O tipo de conhecimento que Deus possui é descrito nas Escrituras em associação com coisas passadas, presentes e futuras. Em termos específicos, no que diz respeito a coisas futuras, o conhecimento de Deus é pré-conhecimento ou “presciência” (praescientia Dei): “quanto à universalidade dos objetos, é denominado onisciência; quanto ao entendimento simples das coisas, é denominado conhecimento; quanto ao agir e ao determinar as maneiras de agir, é denominado sabedoria e prudência”. O conhecimento em Deus nao é mero conhecimento de todas as coisas, mas também a sabedoria de Deus ou seu entendimento de todas as coisas. Ao saber, Deus está agindo; e, ao agir, a sabedoria de Deus se manifesta. O conhecimento de Deus pode ser analisado ainda do ponto de vista do entendimento visionário e do entendimento simples (visionis et simplicis intelligentziae). Quanto ao primeiro, Deus não somente conhece de forma infalível todas as coisas passadas, presentes e futuras, mas também conhece a si mesmo. Esse conhecimento diz respeito a coisas que na realidade têm relação com o decreto de Deus e com o conhecimento que ele tem de si mesmo. Mas este último tem relação com o entendimento simples de Deus, envolvendo coisas fora do decreto de Deus, ou seja, “coisas que são possíveis de serem realizadas pelo poder de Deus, embora jamais venham a existir, mas estejam para sempre envoltas em trevas e nada mais". Essa distinção é parecida com aquela entre o poder ordenado de Deus (potentia ordinata) e seu poder absoluto (potentia absoluta), entre o poder de Deus para executar aquilo que ordenou e decretou e o poder absoluto de Deus para fazer todas as coisas. Charnock baseia boa parte de seu entendimento sobre o conhecimento de Deus numa analogia com seres humanos que têm não apenas a capacidade de conhecer e ver o mundo tal como é, mas também a capacidade de conceber outros mundos possíveis. No entanto, seres humanos finitos não conseguem compreender a visão e o conhecimento de Deus, “pois o nosso, em comparação, não passa de um grão de areia".

Conforme assinalado acima, Deus conhece a si mesmo, o que tem relação com seu conhecimento especulativo e prático. Nas palavras de Charnock, o conhecimento é especulativo “quando a verdade de algo é conhecida sem que haja relação com qualquer ação ou operação prática". Por isso, o autoconhecimento de Deus é somente especulativo, “porque não existe nada para Deus trabalhar em si mesmo”. Charnock acrescenta:

"e, embora ele se conheça, ainda assim esse conhecimento de si mesmo não termina ali, mas floresce num amor a si mesmo e prazer em si mesmo; ainda assim, esse amor a si mesmo e esse prazer em si mesmo não são suficientes para tomá-lo um conhecimento prático, porquanto esse conhecimento é natural e de modo natural e necessário flui do conhecimento de si mesmo e de sua própria bondade: como resultado do conhecimento que tem de si mesmo, Deus não pode deixar de amar a si mesmo e de ter prazer em si mesmo."

Esse conhecimento especulativo ou natural que Deus possui difere de seu conhecimento prático. O conhecimento prático é o entendimento que Deus tem das coisas que decretou. Em outras palavras, esse conhecimento terminou no ato da Criação e, por esse motivo, ao contrário do conhecimento especulativo, não é nem natural nem necessário. Mas o amor próprio de Deus é tanto natural quanto necessário. O conhecimento prático de Deus se estende a essência, às qualidades e às propriedades de tudo que criou; aliás, o conhecimento prático de Deus também se estende a coisas que poderia ter feito, mas não fez. Charnock também menciona um tipo adicional de conhecimento: o conhecimento de aprovação e compreensão. Assim, no caso de seu povo, seu povo particular, Deus tem não somente um conhecimento prático, mas também um conhecimento de afeição (Am 3.2), o que inclui o cuidado especial que dispensa a seu povo.  
  
Feitas essas distinções, Charnock passa para a questão de até onde o conhecimento e o entendimento de Deus se estendem. A base para a onisciência absoluta de Deus encontra-se no conhecimento perfeito que ele tem de si mesmo, que é “o conhecimento primordial e original”. De modo semelhante, Leigh comenta: “Deus conhece todas as coisas porque primeiro ele tinha conhecimento direto de si mesmo”. A infinitude do conhecimento de Deus se fundamenta em seu autoconhecimento. De fato, o autoconhecimento divino é essencial para o seu ser. Ele não é ignorante de nada e, com certeza, também não de si mesmo. A bem-aventurança e felicidade essenciais de Deus têm raizes em seu entendimento perfeito de sua essência e atributos. Charnock acrescenta que, se Deus não se conhecesse com perfeição, não poderia criar, pois "desconheceria seu próprio poder e sua própria capacidade", e não poderia governar, porque "não teria o conhecimento de sua própria santidade e justiça”. Em resumo, Deus se conhece de modo perfeito, um pré-requisito necessário para seu conhecimento abrangente de coisas criadas e de coisas que poderiam ser criadas. Charnock defende, então, um conceito elevado da onisciôncia de Deus:  
  
Deus conhece todas as outras coisas, sejam coisas possíveis, passadas, presentes ou futuras, sejam coisas que ele tem capacidade para fazer, mas nunca fará, sejam coisas que fez, mas agora já não existem; coisas que existem agora ou coisas que não existem agora, que estão no ventre de suas causas devidas e não mediadas. Se o entendimento divino é infinito, então ele conhece todas as coisas, conhece o que quer que possa ser conhecido. Caso contrário seu entendimento teria limites, e o que possui limites não é infinito, mas finito.

Se Deus tem conhecimento de todos os mundos possíveis, então tem conhecimento deste mundo, que criou. O seu conhecimento não está limitado a um entendimento infalível do presente, embora em Deus exista apenas o presente, "porque Deus vê todas as coisas num único instante". Aliás, Leigh acrescenta que pré-conhecimento e lembrança não pertencem realmente a Deus, pois “todas as coisas, tanto as passadas quanto as vindouras, [estão] presentes diante dele”. Ele possui pré-conhecimento perfeito de todos os acontecimentos futuros porque foram decretadas por ele, o que explica por que os profetas puderam prever coisas futuras.  
  
A exposição de Chamock sobre o conhecimento de Deus é uma das seções mais exaustivas de sua obra sobre a doutrina de Deus, e seria possível dizer muito não apenas acerca de sua defesa da liberdade humana, mas também de sua posição sobre a onisciêncía divma em resposta às ideias de teólogos jesuítas, socíníanos e remonstrantes sobre o "conhecimento médio".  
  
É claro que teólogos reformados e os grupos acima citados entendiam diferentemente a doutrina da liberdade humana, o que se devia em grande parte ao fato de que os reformados rejeitavam as ideias de Luis de Molina (1535-1600) sobre o conhecimento médio, as quais foram subsequentemente adotadas por Jacó Armínio (1560-1609). Quase todas as ideias de Charnock sobre o conhecimento de Deus envolvem a rejeição explícita ou implícita do conhecimento médio, e a seção em que trata de como Deus conhece todas as coisas comprova isso.  
  
Em poucas palavras, a doutrina do conhecimento médio deve sua designação ao fato de que afirma encontrar um meio termo entre o que foi mencionado anteriormente como conhecimento natural e o conhecimento livre ou conhecimento visionário e definitivo -daí o nome “conhecimento médio”. Conforme assinala Eef Dekker, “o ponto de vista de Molina deixa implícito que para Deus, antes de ele escolher, é possível saber quais possibilidades se concretizarão, o que seres humanos (totalmente livres) farão, tendo em vista certas circunstâncias". Assim, na soteriologia desse modelo Deus elege certas pessoas não de forma livre mas contingente, dependendo de se a pessoa irá ou não escolher a Cristo. É isso o que torna a doutrina do conhecimento médio tão repulsiva a teólogos reformados do século 17. De acordo com essa doutrina, Deus não decreta soberanamente o que quer que venha a acontecer; pelo contrário, em seu pré-conhecimento ele respondeu às escolhas possíveis de seres finitos e contingentes. Conforme Muller comenta, a ideia de pré-conhecimento divino baseado em condições futuras “é um conceito bem instável: para Deus conhecer condicionalmente o que é condicional, ele teria de desconhecer o resultado na praitica”.

A ideia “molinista” de fato afirma que Deus conhece condicionalmente o que é condicional. Essa ideia é totalmente inconsistente com a doutrina de Charnock acerca do conhecimento de Deus. Deus conhece por sua própria essência, ou seja, vendo-se a si mesmo, “e, desse modo, conhece todas as coisas em sua causa primordial e original, o que não é nada mais do que sua própria essência desejando e sua própria essência executando aquilo que ele deseja". Além disso, Francis Thrretin argumenta que os molinistas entendem que o pré-conhecimento de Deus sobre acontecimentos condicionais futuros é uma verdade que “não depende do livre decreto de Deus (que é anterior aos acontecimentos), mas da liberdade da criatura (a qual certamente Deus antevê), seja em si mesma, seja na coisa (como ela decidirá se colocada em certas e determinadas circunstâncias) ”. De acordo com Charnock e outros teólogos reformados, uma tal reação divina deixaria necessariamente implícita uma limitação ao conhecimento divino.

Existem, então, de acordo com Charnock, o entendimento simples de Deus e seu entendimento definitivo, sendo que o primeiro diz respeito a todas as coisas e acontecimentos possíveis e o segundo, a respeito de todas as coisas e acontecimentos que de fato acontecem de acordo com a vontade de Deus. Assim sendo, assevera-se uma dupla distinção no conhecimento de Deus, mas não uma distinção tríplice (i.e., uma que inclua o conhecimento médio), o que teria implicações prejudiciais para outras doutrinas da dogmática cristã bem como para a própria doutrina de Deus.

Fonte: Teologia Puritana, pág. 114, 119. Editora Vida Nova.